

JOACHIM MEYERHOFF

# QUANDO FINALMENTE VOLTARÁ A SER COMO NUNCA FOI

A LOUCURA ESTÁ DO

LAO DE DENTRO OU DE FORA?



valentina 

QUANDO  
FINALMENTE  
VOLTARÁ A SER  
COMO NUNCA FOI



BEST-SELLER DA REVISTA *SPIEGEL*

\* \* \*

Finalista do Deutscher Buchpreis,  
do Ingeborg-Bachmann Preis e do  
Euregio-Schüler Literaturpreis.

JOACHIM MEYERHOFF

QUANDO  
FINALMENTE  
VOLTARÁ A SER  
COMO NUNCA FOI

A LOUCURA ESTÁ DO LADO DE DENTRO OU DE FORA?

TRAUÇÃO  
KARINA JANNINI

  
valentina

Rio de Janeiro, 2016  
1ª edição

Copyright © 2013, Verlag Kiepenheuer & Witsch GmbH & Co. KG, Colônia, Alemanha.

TÍTULO ORIGINAL

*Wann wird es endlich wieder so, wie es nie war*

CAPA

Rafael Nobre e Igor Arume | Babilonia Cultura Editorial

FOTO DE CAPA

Tanya Little | Getty Images

FOTO DO AUTOR

Peter Rigaud | Shotview Syndication

ILUSTRAÇÃO DE GUARDA

Felder KölnBerlin

DIAGRAMAÇÃO

Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M559q

Meyerhoff, Joachim

Quando finalmente voltará a ser como nunca foi / Joachim Meyerhoff;  
tradução Karina Jannini. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2016.  
352p.; 21 cm.

Tradução de: Wann wird es endlich wieder so, wie es nie war  
ISBN 978-85-65859-97-4

1. Ficção alemã. I. Jannini, Karina. II. Título.

16-30496

CDD: 833

CDU: 821.112.2-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com  
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA VALENTINA  
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana  
Rio de Janeiro – 22041-012  
Tel/Fax: (21) 3208-8777  
www.editoravaleentina.com.br

*Para Alma*



# VAMOS PARAR POR AQUI

MEU PRIMEIRO MORTO FOI UM APOSENTADO.

Bem antes que um acidente, uma doença e a senilidade levassem as pessoas queridas e mais próximas da minha família; bem antes que eu fosse obrigado a aceitar que meu próprio irmão, meu pai jovem demais, meus avós e até mesmo minha cadela, companheira de infância, não eram imortais; e bem antes de eu manter um diálogo constante – tão alegre, tão desesperado – com meus mortos, certa manhã, encontrei um aposentado morto.

Uma semana antes, eu tinha completado sete anos e desejado ansiosamente esse aniversário, já que, graças a ele, eu finalmente conquistaria o direito de ir sozinho para a escola. De um dia para o outro, eu estava autorizado a ficar parado e continuar andando quando bem entendesse. O terreno do hospital psiquiátrico onde cresci, bem como os jardins, as casas, as ruas e a sebe que ficavam fora dos muros da instituição, pareciam mudados, e acabei descobrindo uma porção de coisas que nunca haviam chamado minha atenção quando estava na companhia da minha mãe ou do meu irmão. Dei passos um pouco maiores e me senti incrivelmente adulto. Como eu estava sozinho, as coisas ao meu redor também pareciam mais isoladas. Enfrentava-as cara a cara: o cruzamento das ruas e eu. A banca de jornal e eu. O muro do ferro-velho e eu.

Fiquei surpreso com a quantidade de decisões que, de repente, podia tomar. De mão dada com a minha mãe, geralmente eu ficava imaginando coisas ou conversava com ela, e me deixava levar para a escola como se leva um cartão-postal ao correio, sem nunca prestar atenção no caminho.

Na primeira semana, como eu havia prometido solenemente, percorri direitinho o caminho combinado – aquele que minha mãe tinha me ensinado, com todas as orientações para olhar para a esquerda e para a direita e de novo para a esquerda –, mas, na segunda-feira seguinte, decidi pegar um pequeno desvio pela horta comunitária. Abri, num solavanco, um portão verde gradeado e passei ao longo de uma trilha entre seres em miniatura, arbustos e canteiros de hortaliças. Totalmente tranquilo eu não estava, porque meu pai tinha até me proibido, com todas as letras, de entrar naquela área.

– Estranhos podem se esconder nas cabanas da horta! – advertiu-me. – Por favor, não passe por ali. Combinado?

– Claro, pai, combinado!

Colhi uma maçã ainda verde, dei uma mordida nela, cuspi com habilidade o pedacinho azedo entre duas ripas da cerca e lancei a fruta o mais longe que consegui por cima dos telhados. Esperei ouvir um barulho, mas tudo continuou em total silêncio, como se eu tivesse jogado a maçã diretamente na gravidade zero. Ainda dei umas cuspidas e continuei andando. Não tinha levado em conta o fato de que a área era muito grande e parecia um labirinto. A cada bifurcação, eu me mantinha à direita e torcia para chegar a um portão que eu conhecia muito bem e que ficava a algumas centenas de metros da minha escola.

Olhei para meu novo relógio de pulso que havia ganhado de aniversário sem ter pedido. Ele era a condição para a minha nova independência. Faltavam cinco minutos para as oito. Eu tinha mesmo de me apressar. Cheguei a um jardim pelo qual já havia passado e acelerei o passo. Todos os caminhos eram parecidos, e procurei ignorar a angústia que crescia em mim. O encanto sinuoso da horta, que ainda despertava da tranquilidade da aurora, tinha ido embora tanto quanto a vontade que eu sentira pouco antes de percorrê-la por conta própria. Então, bem longe, mas

## QUANDO FINALMENTE VOLTARÁ A SER COMO NUNCA FOI

com clareza, ouvi o sinal da escola, que tocava chamando para a primeira aula. Saí em disparada. A mochila batia com força nas minhas costas, como se um cocheiro mal-humorado estivesse me açoitando com seu chicote.

Finalmente, cheguei a uma longa reta e vi o ansiado portão. Quando o alcancei, constatei que estava fechado, mas atrás dele reconheci meu caminho para a escola. Saltei nele e segurei firme na borda superior. Como a grade era estreita, a ponta dos meus pés deslizava, e só quando coloquei toda a planta do pé contra ela é que consegui escalar. Passei uma perna para o outro lado e já estava me preparando para passar a outra e pular quando vi, no canteiro do jardim, à esquerda, um homem deitado. Soube na hora que era um morto.

Ainda hoje me espanto com o fato de não ter me assustado nem um pouco, nem ter saído em disparada. Ao contrário: cheio de curiosidade, fui me equilibrando pelo portão de ferro, arrastando o traseiro. Agora, sim, podia vê-lo melhor. Estava inteiro e, pelo que pude constatar, muito bem-vestido. Todo de bege. Um dos sapatos marrom-claros tinha saído do pé calçado com uma meia igualmente marrom-clara; sua camisa estava cuidadosamente enfiada por dentro da calça leve, e seu cinto trançado era igual ao que meu pai usava de vez em quando. Seus pés e suas pernas estavam no gramado e o restante do corpo, no canteiro de flores. Eu não sabia que flores eram aquelas, mas eram bonitas e coloridas.

Por que eu tinha tanta certeza de que se tratava de um morto? Por que não cheguei a pensar, nem mesmo por uma fração de segundo, em buscar ajuda? Por que achei que aquele cadáver era para mim, que me pertencia?

Ao redor do seu tronco, os talos das plantas estavam quebrados, alguns até arrancados, como se ele tivesse se debatido, lutado contra a morte, se agarrado nelas, cheio de dor. Estava deitado com

a cabeça virada para baixo; os cabelos grisalhos, desgrenhados. Não consegui desviar o olhar; continuei sentado no portão, que oferecia um bom panorama, e observei-o. Eu estava pasmo. Não sabia o que fazer. Deveria descer até ele e entrar no reino florido dos mortos, ou pular para o outro lado – aquele dos vivos, dos carros, dos pedestres e da aula que já havia começado? Uma das minhas pernas pendia sobre o jardim e a outra, sobre a calçada. Uma ideia, inicialmente ainda vaga, consolidou-se em uma constatação sensacional e, por fim, abriu caminho, passando pela língua até chegar aos lábios:

– Encontrei um morto – disse baixinho, várias vezes e com entusiasmo crescente. – Encontrei um morto.

Pulei do portão para a calçada e corri para a escola. Abri a porta, subi a escada correndo, entrei desenfreado na sala de aula e comuniquéi, radiante, em alto e bom som, a alegre notícia:

– ENCONTREI UM MORTO!!!!

A professora e todos os meus colegas olharam para mim como se Jesus Cristo em pessoa tivesse irrompido ali. O que está acontecendo? Estão surdos?, pensei, erguendo os braços e cerrando os punhos em sinal de vitória, para gritar ainda mais alto do que antes:

– EEEU ENCOOONTREI UM MOOORTO!!!!!!

– O que é que deu em você para entrar aqui desse jeito? – repreendeu-me a professora, com uma irritação totalmente incompreensível. – Ficou louco?

Então, fui tomado por uma profunda tolerância para com a estupidéz dos meus colegas, que me observavam incrédulos, e para com as expressões faciais nada pedagógicas que a professora deixava escapar. Eu não podia exigir demais daquelas pessoas. Certo da vitória e com uma lentidão enfática, coloquei-os a par da minha descoberta sensacional.

## QUANDO FINALMENTE VOLTARÁ A SER COMO NUNCA FOI

– Tem um cara estirado na horta, é um morto. Eu o encontrei. Ele... está... morto! – articulei com a máxima clareza para todos os boquiabertos. – Está estirado entre as flores. Um homem. Um morto. Eu o encontrei. Isso mesmo, eu. Encontrei um morto!

– Vá se sentar no seu lugar!

Tirei a mochila das costas e sentei-me na minha cadeira. Meu Deus, como o tampo da minha carteira era baixo! Meus joelhos mal cabiam embaixo dele. Mas isso não me surpreendeu. Quem possui um morto avança, espicha, expande-se e tem uma vantagem decisiva. A professora levantou-se da sua mesa, que me pareceu tão diminuta e frágil como nunca, veio até mim, abaixou-se e olhou-me com seriedade. Esse olhar ainda me encontraria muitas vezes na vida; um olhar que não deixa dúvidas quanto à sua mensagem: “Vamos parar por aqui. Acabou a graça.” Um olhar que coloca você diante de uma encruzilhada: ou você se despede da sociedade feita de pessoas honestas e que amam a verdade, como se você fosse o mentiroso barão de Münchhausen tornando-se ou confessando-se um vigarista sem salvação, ou você se confessa culpado, se arrepende e se afasta com repugnância de tudo o que não é plausível.

Passou um bom tempo olhando-me assim:

– E então, o que aconteceu? Diga a verdade: *o que* você encontrou?

Calei-me. Como se a voz dela quisesse deixar aberto para mim o caminho de volta para eu me retratar, enunciou a pergunta que soou como um abraço que me tirasse todo o peso dos ombros:

– Vamos lá, me diga: o que realmente aconteceu?

Eu ainda estava sem fôlego por causa da minha corrida veloz, ou, melhor dizendo, da falta de ar que irrompera somente naquele momento, uma vez que eu podia responder com toda calma.

– Encontrei uma coisa.



- O quê?
- Um morto! – respondi, ofegante.
- Um morto?
- É.
- Onde?
- Perto da horta.

Nunca, em aula nenhuma, nem mesmo quando o diretor, gravemente ferido na guerra por um tiro na cabeça, substituiu nosso professor doente e mostrou-se disposto a jogar o molho de chaves na gente, fez-se um silêncio tão grande na sala.

Quanto mais eu era pressionado, mais inseguro ficava. De repente, insistir no meu morto pareceu muito mais difícil do que ceder à sua incredulidade e simplesmente negar tudo e dizer: “A senhora tem toda razão. Me desculpe” ou “Acho que me enganei. Não era nada. Uma calça, sim, talvez uma calça, um espantalho caído. Isso mesmo, foi isso. Sinto muito ter chegado atrasado. Foi uma desculpa. Não encontrei nada, muito menos um morto.”

Mas não me dei tão facilmente por vencido, mesmo depois que a pressão aumentou:

– Se for verdade o que você está dizendo, então terei de chamar a polícia, que irá até lá. E, se não houver nada, pode ter certeza de que você se arrependerá amargamente.

Ah, não! A polícia?, pensei. O que fazer agora? Talvez eu realmente tenha me confundido; vai ver o homem estava apenas inconsciente ou procurando alguma coisa entre as flores. Talvez, pensei desesperado, já tenha se levantado há tempo, calçado o sapato, arrumado as flores, penteado os cabelos e agora esteja sentado em uma espreguiçadeira na frente da sua casinha jeitosa. O policial apareceria junto ao portãozinho do seu jardim, imaginei, e o cumprimentaria:

– Bom dia. Desculpe por incomodar. Por acaso, o senhor viu um morto por aí?

## QUANDO FINALMENTE VOLTARÁ A SER COMO NUNCA FOI

– Um morto? Não, seu guarda, com certeza, não.

– Um menino afirmou ter visto um aqui.

– Nossa! Faz tempo que não ouço uma bobagem como essa! No meu jardim? Um morto? Mas que absurdo! Até onde vai a imaginação dessa garotada, hein?

– Com certeza, o senhor tem toda razão. Tenha um bom-dia.

O que fazer? Todos olhavam para mim. Até os dinossauros de plasticina, feitos na aula de trabalhos manuais e que estavam sobre os parapeitos das janelas, pareciam me encarar com ceticismo. Mas era verdade, verdade verdadeira!

– Sim – insisti –, eu vi. Na grama. Estava morto!

– Muito bem – anuiu. – Por favor, fiquem todos, e quando eu digo todos, quero dizer todos mesmo, na sala, sentados em suas cadeiras. Volto logo.

Assim que ela passou pela porta, todos, mas todos mesmo, vieram correndo até mim.

– É verdade?

– Onde?

– Como era a cara dele?

– Já estava podre?

Recostei-me e respondi:

– Não, nem um pouco.

– Como você sabe que ele estava morto?

– Essas coisas a gente vê.

– Ei, mas e se estivesse vivo?

– Será que foi assassinado?

– Você viu sangue?

Eu estava prestes a ceder à tentação de ter visto um pouco de sangue em sua nuca. Imaginei direitinho.

– É claro que pode ter sido assassinado – respondi –, na sua... Não, sangue eu não vi.

A professora voltou, e os alunos foram para seus lugares. Ela se colocou atrás da sua mesa, levantou as mãos pedindo silêncio e disse:

– Vamos até o diretor.

Levantei-me e me dirigi à porta da sala. Ela se aproximou de mim, colocou a mão nas minhas costas, e o calor da sua mão quente atravessou momentaneamente meu pulôver e ardeu na minha pele como uma advertência em brasa; então, ela me preveniu, sussurrando em um tom de voz desagradável, de forma que os outros alunos não ouvissem:

– Ainda está em tempo de me dizer a verdade. Você sabe que o diretor odeia que mintam para ele. Você tem mesmo certeza?

Sua confiança em mim era nenhuma, uma vez que recentemente ela me pegara mentindo. Nada importante, assim eu achava.

No pátio, dois meninos começaram a brigar. Eu nunca tinha visto uma pancadaria, mas ao redor dos brigões formara-se uma aglomeração de crianças. Tentei me espremer entre elas, mas não consegui de jeito nenhum. Ouvia respirações ofegantes e gritos de incitação. Então, vi nossa professora atravessar o pátio correndo. O espetáculo não demoraria a acabar. Por isso, gritei:

– Também quero ver!

Sem chance.

– Pessoal, me deixe passar! Também quero ver!

De novo, nenhuma reação. Então, gritei, sem pensar, o mais alto que pude:

– Eu sou médico!

O círculo externo dos curiosos cedeu, e abri caminho:

– Me deixem passar. Sou médico!

Formou-se um corredor, em cuja extremidade consegui ver os meninos que se espancavam com brutalidade. Em seguida, entrei no centro da roda: um médico de sete anos a caminho da sua primeira emergência.

## QUANDO FINALMENTE VOLTARÁ A SER COMO NUNCA FOI

Foi quando a professora me pegou pela nuca e me afastou para o lado.

– Conversamos mais tarde, entendido? – E lançou-se como uma juíza entre os lutadores atacadados no chão.

No intervalo seguinte, tive de encontrá-la na sala totalmente enfumaçada dos professores, sentar-me à mesa e me explicar.

– O que você exclamou lá no pátio?

– Não lembro mais.

– Lembra, sim. Não minta para mim.

Consciente da minha culpa, abaixei minha cabeça encaracolada, mais para demonstração do que por convicção.

– Você vai repetir agora mesmo o que exclamou! Ou então vou chamar seus pais.

– Eu sou médico!

– Ficou louco? Por que disse isso?

– Eu queria ter dito: “Meu pai é médico.”

– Que bobagem! E por quê?

– Queria ver o que estava acontecendo.

– O que havia ali para ser visto?

A professora conversava comigo devagar e com a máxima clareza, como se estivesse falando com um paspalho.

– Você... não... é... médico!

Concordei com a cabeça.

– Quem... é... médico?

– Meu pai! – respondi bem em cima de um cinzeiro à minha frente, e minúsculas partículas de cinzas pairaram no ar, enquanto minha confissão ia parar dentro dele.

– Muito bem. Pode ir agora.

Ainda nos corredores abandonados que levavam ao diretor, sentia a mão quente da professora nas minhas costas. O diretor estava sentado atrás de uma escrivaninha monstruosamente grande. Nem a porta nem

as janelas da sua sala me pareceram amplas o bastante para ter deixado passar aquela tora de madeira. A escola inteira devia ter sido construída em torno daquele bloco maciço. Logo comecei a imaginar, vi uma escrivaninha enorme no ar, suspensa por um guindaste. Operários gritavam: “Um pouco mais para cima! Um pouco mais para a esquerda! Assim está bom!”, e, com perfeição, posicionavam o móvel gigantesco no centro do nada, enquanto ao seu redor os muros da minha escola eram erguidos.

– Onde o encontrou?

– O quê?

– Onde encontrou o homem?

– Lá em cima, junto ao portão. Mas ele está fechado. O homem está estirado do outro lado, no jardim.

– Tem certeza?

– Acho que sim.

– Como “acho que sim”?

Olhou-me com um olhar penetrante, um autêntico olhar de diretor, mas que me pareceu meio embotado, meio gasto. Logo tive certeza de que ele já havia mirado centenas, para não dizer milhares, de crianças com aquele olhar.

– Ou você viu o morto, ou não viu! – prosseguiu. – Sabe, quando eu era jovem, vi muitos mortos; não dá para esquecer o olhar deles assim tão facilmente. – Encarou-me no fundo dos meus olhos, mas era como se estivesse vendo outra época através de mim. – Não é nada bonito ver braços e pernas retorcidos e congelados na neve. Para suportar o frio, roubávamos os casacos dos russos mortos. Perdi quatro dedos dos pés.

O diretor tirou os óculos, e, em seu crânio calvo, vi um sulco que as hastes deviam ter imprimido na pele. Esse homem me pareceu profundamente suspeito. Em uma aula de substituição, havia levado seu acordeão, cantado canções populares e, por fim, caído em prantos. Por alguns minutos, ficara chorando diante da turma, abrindo e

## QUANDO FINALMENTE VOLTARÁ A SER COMO NUNCA FOI

fechando o acordeão, sem dele tirar nenhum som. Como um animal plissado, sentado agonizante em seu colo, o instrumento lutara para respirar e só parara ao toque do sinal.

– Ei, você está me ouvindo?

– O quê? Estou, claro. Então, vi um morto. Tenho certeza. Lá no meio das flores.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Muito bem! – Pegou o fone gigantesco e preto retinto do telefone, antiquado já naquela época. – Bom dia. Aqui é o diretor Waldmann, da Escola Norte. Gostaria de notificar que um dos nossos alunos encontrou um morto na horta. – Parou para ouvir e olhou para mim. – Quando foi?

– Às oito, um minuto depois das oito – respondi, feliz por saber responder pelo menos isso com exatidão.

Ele ainda disse duas vezes “Sim, está bem”, depois desligou.

– Pode voltar para sua sala.

Como assim?, pensei. Isso é tudo? Mal passei pela porta, virei-me novamente:

– Não devo mostrar aos policiais o local onde ele está?

– Se ele está lá, vão encontrá-lo. Agora pode ir. E mande lembranças ao seu pai.

– Mando, sim.

Ao voltar para a sala, de repente tive a ideia de sair correndo da escola pela entrada da horta e antecipar-me aos policiais para comprovar se ele ainda estava lá. Mas, justo nesse momento, tocou o sinal, os alunos irromperam pelas portas abertas com violência, e minha ideia acabou naufragando na confusão geral. Os colegas me cercaram, me crivaram de perguntas sobre o aposentado, e, no começo, ainda consegui contar toda a história de maneira verídica. Mas logo simplesmente ficou

tentador demais recorrer a pequenos floreios para continuar prendendo a atenção dos meus indagadores e ouvintes, entre os quais também várias meninas. À pergunta: “Você viu o rosto dele?”, inicialmente eu sempre respondia com um claro “não”. Mas depois, quando me perguntaram pela terceira ou quarta vez: “Tem certeza de que não viu?”, eu respondia:

- Talvez um pouco. O nariz.
- Mas se você viu o nariz, também deve ter visto um olho!
- Vi, sim. O nariz e um olho.
- Estava aberto ou fechado?
- Estava... – baixei o tom de voz – ... estava aberto.

Meus indagadores ansiavam tanto por saber como era a cara do defunto que, aos poucos, foram virando-o de costas. Eu não queria decepcioná-los. A cada intervalo, meu morto foi ficando pavoroso. Por volta das dez horas, seus olhos abertos fitavam o céu; ao meio-dia, da sua boca de aposentado sem dentes já pendia uma língua esbranquiçada; e, no início da última aula, por pouco um besouro preto e cintilante não se arrastara para dentro da sua garganta.

Naquela manhã, não aprendi nem sequer o mínimo em aula nenhuma, de tão ocupado que estava em burilar os detalhes. Terminada a aula, finalmente rompi a última trincheira da verdade. Cercado por uma multidão de colegas no pátio, arrisquei-me dando asas à imaginação. O melhor aluno da turma, que costumava faltar muitos dias porque participava de torneios de xadrez nas duas Alemanhas e geralmente não se dignava a olhar para mim, perguntou:

- E você tem cem por cento de certeza de que ele não estava vivo?
- Na verdade, sim, se bem que... – Olhei pensativo para o grupo que não desgrudava os olhos dos meus lábios e, de repente, fiz cara de surpreso, como se tivesse acabado de me lembrar de uma peça do quebra-cabeça, que me havia escapado até então. – Se bem que, agora que você está me perguntando... dois dedos da... espere um pouco... sim, da mão esquerda se mexeram embaixo das flores.

## QUANDO FINALMENTE VOLTARÁ A SER COMO NUNCA FOI

– Embaixo das flores? E como você conseguiu ver isso? – objetou seu cérebro treinado até não poder mais pelo xadrez para exercer o raciocínio lógico.

– Bom – respondi, dominado pela atenção que me era dispensada e desfrutando do suspense –, seus dois dedos se arrastaram bem devagar, como minhocas saindo da terra, por entre as flores até a superfície.

As reações da minha família ao meu morto foram bem diferentes. Minha mãe me apertou contra ela e me consolou:

– Coitadinho, está mesmo tudo bem com você? Que coisa horrível!

Meu pai, psicologicamente treinado, falou-me da efemeridade da vida, deslocou minha descoberta para um contexto bastante abrangente e me explicou como devia ter morrido o aposentado:

– Muito provavelmente foi um infarto. Não deve ter sofrido. Na verdade, não é nada mal morrer assim. De manhã, colhendo flores.

Depois, para meu alívio, não perguntou o que eu fora fazer na horta, apesar de sua proibição.

Meus dois irmãos mais velhos não acreditaram em uma palavra minha, embora eu tenha retomado a versão original do meu relato sobre a descoberta do corpo – tão bem quanto ainda era capaz de me lembrar dela, após tanto enfeitá-la. Só depois que tive um ataque de fúria, de chorar desconsoladamente e soluçar, dizendo: “Por que vocês não acreditam em mim? Juro por tudo o que me é sagrado, juro pela minha vida que encontrei um morto!”, é que a admiração foi aos poucos tomando o lugar do ceticismo. Consolaram-me e fizeram-me contar todos os detalhes, ainda que ínfimos.

Contudo, o fato de que, nos dias seguintes, nenhum policial tenha batido à minha porta, de que eu não tenha ido parar nos

jornais – eu imaginava uma foto grande, na qual eu aparecia sério, apontando com o dedo o local da descoberta – e de que não houvesse nenhuma recompensa para quem encontrasse gente morta me deixou um bom tempo magoado.

Nas semanas seguintes, volta e meia tive de falar a respeito do meu achado. Na escola, na associação de nataçãõ, aos meus irmãos, aos parentes e aos amigos dos meus pais. Aprimorei a história, memorizei as versões mais bem-sucedidas e cheguei a desenvolver algo como versões ajustadas aos ouvintes. Meus colegas e meus irmãos queriam horrorizar-se. Nesse caso, a palavra “apodrecido” era tiro e queda, e as frases “seus olhos abertos fitavam o céu. Estavam levemente apodrecidos” sempre provocavam um novo calafrio. Os adultos do sexo masculino ficavam impressionados com uma ação infantil resoluta: “Tudo ficou gravado na minha cabeça com precisão: horário, local da descoberta, posição do cadáver... Saí correndo direto para a sala do diretor e lhe contei tudo!” Já com o público feminino, eu permitia que minha timidez aos poucos alcançasse o grande *páthos* e, sem o menor constrangimento, oferecia frases como estas: “Uma brisa soprou pétalas de rosas sobre o corpo enrijecido. Algumas se prenderam em seus cabelos grisalhos.”

É claro que eu sabia muito bem que estava mentindo, mas para mim era como se a história tivesse vida própria e a minha responsabilidade de satisfazê-la mostrasse que eu era digno dela. Afinal, quem costuma encontrar um morto? Eu queria de todo jeito que esse acontecimento extraordinário se sentisse bem comigo, queria que ficasse ao meu lado; por isso, eu não economizava em presentear-lo com guirlandas e arabescos.

Foi então que aconteceu algo inconcebível para mim, algo que até hoje marca minha vida. Eu estava contando a história do aposentado pela enésima vez para um amigo do meu irmão mais velho. Como

## QUANDO FINALMENTE VOLTARÁ A SER COMO NUNCA FOI

sempre, comecei com a minha decisão de abandonar o caminho da escola, depois contei que jogara fora a maçã verde, aumentei o suspense dizendo que me perdera, escalara o portão e descobrira no canteiro o homem caído. Para não me entediar, sempre inventava novos detalhes, e disse por fim:

– Então vi que ele usava uma aliança no dedo. Parecia valiosa. Rapidamente pensei em pular o portão e tirá-la do seu dedo. Mas o sinal da escola tocou, e saí correndo.

Enquanto inventava a aliança, de repente senti um arrepio me percorrer a espinha e, de fato, vi a aliança diante de mim. Era verdade! Não tinha inventado. Meu morto usava uma aliança de ouro na mão esquerda já sem vida!

– É verdade! – exclamei. – É verdade mesmo! Ele estava usando uma aliança!

Meu irmão e seu amigo me olharam sem entender.

– Como assim? O que você quer dizer com “é verdade”?

– Estou falando da aliança. É verdade mesmo.

Nunca vou esquecer esse momento. Eu tinha inventado uma coisa que, de fato, era verdade. A aliança imaginada, pescada no ar, tinha ressuscitado a aliança real, verdadeira. Como um instrumento arqueológico, a mentira havia trazido à tona um detalhe oculto das profundezas da memória.

Para mim, foi um reconhecimento incrivelmente libertador: inventar significa recordar.